

A LINGUAGEM DO FAZER ENSINAR NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Aurora de Jesus Rodrigues
FIT/PUCSP

Ao professor cumpre-lhe a prática do fazer ensinar, na sua sociedade do conhecimento. Para tanto, a teoria lingüística, em seu sentido amplo deverá embasar sua prática de ensino, sobretudo de Língua Portuguesa, em todos os níveis de escolarização. Assim, o professor deverá apoiar-se na teoria lingüística para, constantemente, reformular e aprimorar o seu fazer ensinar a fim de que seus alunos aprendam a utilizar, adequadamente, a sua própria língua em todas as circunstâncias sociais.

Dessa forma, a teoria lingüística deverá sustentar, de maneira eficiente, a prática diária da transmissão dos conteúdos programáticos de Língua Portuguesa.

Sabe-se que a formação de professores, principalmente daqueles do 1º grau, padece de muitos males, sobretudo da carência da fundamentação lingüística. Os conteúdos programáticos de Morfologia, Fonética, Fonologia, Sintaxe e Estilística são repassados aos alunos, sem preocupações qualitativas, o que empobrece a ação didática

Constantemente, a prática de ensino do português torna-se mera releitura da gramática normativa, abandonando-se, por vezes, o objetivo de transformar o falante de língua de língua portuguesa num poliglota exemplar de sua própria língua. De acordo com esse princípio, cabe ao professor de língua portuguesa desenvolver em seus alunos quatro qualidades básicas: ouvir, falar, ler e escrever. Tal procedimento será mais eficaz ao valer-se de teorias lingüísticas, visto que a presença da Lingüística nos cursos de Letras é necessária para subsidiar enfoques descritivos e metodológicos da língua.

O professor de português deverá ampliar a capacidade de comunicação e expressão de seus alunos a partir de interações orais, provocando relatos de experiências pessoais, reconstruções de histórias para posterior ingresso na escrita.

A leitura também será beneficiada a partir da fundamentação lingüística. Os alunos deverão identificar os significantes, dotando-os de significado, mesmo durante a leitura oral, quando, por vezes, os alunos apegam-se ao deciframento dos grafemas, sem atentarem para a sua função sintático-semântica, o que comprometerá a sua compreensão.

Ressalte-se que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para a compreensão de todos os conteúdos do currículo escolar, por isso mesmo, o trabalho com texto tem sido valorizado em todos os níveis de escolaridade. Tanto os alunos como os professores estão cientes de que ler e escrever não constituem talentos individuais, mas provêm de atividades diárias integradas visando à sua fixação. Ao escrever, o aluno deverá, também, aprender a utilizar a norma culta, respeitando os padrões da gramática prescritiva, observando, continuamente, a coesão e a coerência, ao longo de seu texto, tornando-o inteligível. Ocorrendo, por conseguinte, uma interação entre as operações de produção de recepção textual, segundo Reuteur (1994), sem, contudo, menosprezar as demais variantes lingüísticas. Cumpre, então, que o discurso pedagógico sustente-se na tensão dialética universo conhecido/universo desconhecido pelo aluno, permitindo que o estudante reorganize o seu conhecimento lingüístico em termos de ampliação e revisão dos pré-requisitos apresentados. Segundo Bonacha (1981), a passagem do universo desconhecido pelo aluno para o saber apresentado pelo professor, implica a exposição de um conjunto de asserções a partir de sua própria organização narrativa. Assim, falhas de expressão oral e/ou escrita por parte de qualquer professor comprometem negativamente o desempenho de seus alunos nos diversos conteúdos programáticos. Entretanto, somente o professor de português é penalizado por não ensinar seus alunos a pensar, a falar, a ler, a redigir, a interpretar textos. Queremos lembrar que tais atribuições cabem a todos os professores,

independentemente de sua formação. Aulas bem preparadas, esquematizadas e enriquecidas com bibliografia básica e complementar diminuem o hiato entre a audição pura e simples e a compreensão do conteúdo exposto na sua aceção mais profunda. Ao mesmo tempo em que esse cuidado auxilia o aluno nas áreas específicas, valoriza e consolida os esforços do professor de português no sentido amplo de promover a correspondência pensamento/linguagem/ação.

Como destaca Barbosa(1984): “Natureza, estruturas e funções do discurso pedagógico são alguns dos aspectos que têm merecido a atenção maior dos especialistas da linguagem, dada a sua complexidade, os objetivos e, sobretudo, a sua característica de espaço de convergência da transmissão do saber e da constituição do saber”. Podemos inferir que, muitas vezes, a dificuldade atribuída ao aluno de não reter as informações básicas repousa, em certas circunstâncias, na impossibilidade de o professor adequar seu discurso à realidade sociolingüística do seu ouvinte. Propositamente ou não, o distanciamento lingüístico entre alunos e professores impede o afloramento de registros bem elaborados devido à impossibilidade da compreensão dos conteúdos expostos.

O desafio constante que nos impulsiona é a melhoria da prática pedagógica alimentada pelos recursos teóricos lingüísticos, a fim de que o processo ensino-aprendizagem torne-se cada vez mais agradável e eficiente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. ^a (1984). *Da Constituição e Transmissão do Saber Lexical: Um modelo Lingüístico-Pedagógico*. Revista Brasileira de Lingüística, 07:83-105.

BONACHA, ^a (1981). ‘ALORS’ dans le discours pédagogique: épiphénomène ou trace d’opérations discursives? *Language Française*, 50, p. 48.

REUTR, Yves. (1994:1-17). *Problématique des Interactions Lectures-écriture*. In Reuner Y. (org.) (1994). *Les interacciones Lecture-écriture. Actes du Colloque Théodile – Crel (Lille, novembre 1993)*. Berne, Peter Langf.

Dados Pessoais

AURORA DE JESUS RODRIGUES

RUA TOGO, 415

O2124-050 SÃO PAULO 011 201 39 19 3670 8217

91 26 33 39 011 201 39 19 aurorajesus@uo.com.br

Condição Acadêmica

DOUTORA EM LINGÜÍSTICA

PUCSP

COMFIL

RUA MONTE ALEGRE, 984